

O cenário político brasileiro em 2025: a direita e o chamado de um Brasil maior

O Brasil de 2025, conforme a pesquisa Genial/Quaest – e dando todos os devidos descontos ao descrédito que as pesquisas carregam –, está em um ponto de virada. O eleitorado, cansado de promessas frágeis, busca uma visão que traga esperança concreta. Para a direita, é a hora de erguer um projeto que supere ambições pessoais e se preocupe menos com o barulho das redes – um plano que faça o país alcançar a grandeza que nossas riquezas e nosso povo merecem. Todos os esforços para tirar Jair Bolsonaro do jogo têm a ver com isso: ele seria capaz, com sua história e os aprendizados do primeiro mandato, de reerguer esta nação.

No cenário sem Jair Bolsonaro, Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo, lidera com 15% das intenções de voto. É um número que, à primeira vista, pode parecer promissor, mas, para quem comanda o maior estado do país com o respaldo da base bolsonarista, reflete uma liderança tímida. A apenas um ponto percentual de distância, Michelle Bolsonaro surge com 14%, um desempenho notável para quem não ocupa cargo público. Isso evidencia o peso persistente da “marca Bolsonaro” no imaginário da direita, mesmo em um contexto de desgaste do ex-presidente. Pablo Marçal, com 11%, completa o pódio improvável – um outsider inelegível que, ainda assim, capitaliza a insatisfação popular e mostra que há espaço para figuras disruptivas.

Outros nomes testados, como Ratinho Jr. (9%), Romeu Zema, Ronaldo Caiado e Eduardo Bolsonaro (todos com 4%), e Eduardo Leite (3%), patinam em percentuais baixos, sugerindo que a direita carece de uma liderança que una suas diversas correntes. Mais revelador ainda: 19% dos entrevistados rejeitam todos esses nomes como representantes da direita, e 16% não sabem em quem apostar. É o retrato de um eleitorado órfão, à espera de um projeto que vá além da negação do PT.

O Brasil tem terras que podem garantir a segurança alimentar do nosso povo e ainda alimentar o mundo, riquezas que sustentam sonhos, um povo resiliente e criativo. É uma nação que deveria liderar, não se curvar. Mas esse potencial segue refém da falta de um projeto de nação. O eleitor sente isso no prato cada vez mais vazio, na estrada esburacada, na espera cada vez maior por uma consulta, exame ou procedimento médico, na educação falha, no futuro adiado. A direita pode responder a esse clamor com um projeto de soberania e prosperidade.

A política não pode ser profissão – é uma missão. Quem entra nela pensando em si próprio não contribui para o país. Esse plano não é um brinquedo de egos ou uma caça por likes – é o plano de um Brasil onde o campo seja pilar de segurança alimentar e potência global,



gerando trabalho e orgulho. Onde petróleo, minérios e água alavanquem soberania, e não sejam moedas de troca. Um país de crédito farto para o pequeno produtor, energia acessível, e um Estado que pare de travar quem produz. Um Brasil protagonista, não sombra.

Esse sonho transcende indivíduos. Por isso, Bolsonaro incomoda. Com sua trajetória, conexão com o povo e os ajustes do primeiro mandato, ele teria o potencial de liderar essa transformação. Já provou que sabe mobilizar milhões e desafiar o sistema; refinado pela experiência, poderia ser o arquiteto desse Brasil grande, guiado por uma missão, não por vaidade. O Brasil é refém de um sistema que precisa manter tudo como está.

Esse plano exige uma narrativa vibrante, não números frios ou slogans. É falar de comida na mesa com o tom de quem planta; de soberania, com a voz de quem defende o que é nosso; de grandeza, com a chama que o povo quer ver acesa. A crítica à desordem institucional e às agendas desconexas pode ser o gancho, mas o cerne é um país que o cidadão sinta na pele. Essa história deve chegar às roças, às cidades pequenas, mostrando que o Brasil grande é um destino real. Bolsonaro, com sua fala direta, sabe contá-la como ninguém. Com ele, por enquanto, fora do jogo, a direita está órfã.

O Brasil de 2025 espera. O eleitor rejeita o passado e busca um norte. A direita tem a chance de liderar essa virada com um projeto que supere vaidades. Bem contada, essa história – o Brasil não aceita mais estórias – não só vencerá eleições, mas reacenderá o orgulho de ser brasileiro. O tempo está correndo, e o país não aceita mais projetos pequenos.

